

E A VERDADE OS LIBERTARÁ

E A VERDADE OS LIBERTARÁ

Reflexões sobre religião, política
e bolsonarismo

RICARDO ALEXANDRE

Copyright © 2020 por Ricardo Alexandre

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (RC) e *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), ambas da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A37e

Alexandre, Ricardo

E a verdade os libertará : reflexões sobre religião, política e bolsonarismo / Ricardo Alexandre. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

256 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86027-35-8

1. Bolsonaro, Jair Messias, 1955-. 2. Religião e política. 3. Brasil - Política e governo. I. Título.

20-65148

CDD: 322.1

CDU: 322

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Cristianismo e sociedade

1ª edição: agosto de 2020 | **1ª reimpressão:** 2021

Sumário

.....

<i>Nota dos editores</i>	7
<i>Antes de começar</i>	11
1. Verdade e pós-verdade	15
2. Messianismo	23
3. O mundo	33
4. Imprensa	46
5. O governo de Deus	61
6. Paz	72
7. “Não toquem no ungido do Senhor”	82
8. Esquerda e direita	94
9. Economia	107
10. Frágeis	120
11. Religião	134
12. Domínio, poder e política	150
13. Corrupção	167
14. Profecia e propaganda	183
15. Deus e o diabo	199
16. Lobos	211
<i>Notas</i>	227
<i>Sobre o autor</i>	255

Nota dos editores

.....

Ricardo Alexandre é um jornalista bem-sucedido. Em quase trinta anos de experiência profissional, atuou em alguns dos principais grupos de comunicação do país. Foi repórter e colunista do *Estado de S. Paulo* e diretor de redação de revistas da Abril e da Globo. É também consultor e curador de eventos culturais, além de autor de cinco livros, incluindo *Nem vem que não tem*, biografia do polêmico cantor Wilson Simonal que lhe rendeu em 2010 o prêmio Jabuti, a principal condecoração literária do Brasil.

Ricardo Alexandre é um cristão evangélico. Aos 15 anos, confessou Jesus Cristo como Senhor e Salvador em uma igreja batista de Jundiá, e em toda a sua vida tem procurado formas de integrar sua vocação profissional e suas convicções espirituais. Atualmente, é membro da Igreja Batista Água Viva, em Vinhedo, no interior de São Paulo.

Ricardo Alexandre é, em muitos aspectos, a figura mais indicada para escrever o livro que o leitor tem em mãos.

Desde pelo menos as já famosas manifestações de junho de 2013, o Brasil se vê imerso em debates políticos cada vez mais acirrados e agressivos. As escandalosas denúncias da Operação Lava Jato, o conturbado processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, a violenta campanha eleitoral de 2018 — tudo isso, entre muitos outros episódios turbulentos, contribuiu para um ambiente de extrema polarização, em que famílias, amigos e, convém admitir, igrejas se dividiram de

modo aparentemente irreconciliável. Com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2019, os conflitos não só não regrediram como também se avolumaram, cenário ainda mais agravado em 2020 com a crise sanitária e econômica ocasionada pela chegada do coronavírus ao país.

Como jornalista, Ricardo Alexandre busca entender tal realidade dos pontos de vista político, econômico, social e cultural. Como cristão, contudo, o questionamento que mais incomoda seu coração é: que papel desempenhou a igreja evangélica brasileira na pavimentação dessa crise?

E a verdade os libertará reúne dezesseis reflexões sobre as conexões — algumas mais evidentes, outras nem tanto — entre o fenômeno político do bolsonarismo e uma de suas principais bases eleitorais, o movimento evangélico. Com a inquietação característica de um bom jornalista, Ricardo Alexandre investigou as raízes desse movimento bem como o desenvolvimento da figura política de Jair Bolsonaro, desde suas primeiras aparições públicas como capitão de artilharia do Exército brasileiro até sua atuação à frente do governo federal. E, com a disposição de analisar o mundo à luz da Bíblia, típica de um bom cristão, Ricardo Alexandre recorreu às Escrituras para fundamentar seus argumentos e, talvez o que haja de mais precioso neste livro, para propor novos caminhos à igreja e à sociedade brasileira.

É com grande senso de responsabilidade que a Mundo Cristão publica esta obra. Se é verdade que em suas mais de cinco décadas de serviço à igreja brasileira a editora jamais se esquivou de assuntos controversos, também é verdade que nunca houve em nosso meio tamanho acirramento de ânimos e passionalismo político. Ainda assim, como uma editora inserida na realidade brasileira e interessada na promoção do

reino de Deus, não poderíamos nos furtar de contribuir com o debate público, e quem sabe futuramente novas perspectivas venham a se somar às reflexões aqui propostas.

Nossa expectativa é que *E a verdade os libertará* ajude a estabelecer diálogos entre diferentes grupos, tanto dentro quanto fora da igreja, a fim de que, a exemplo de Ricardo Alexandre, voltemos todos a sonhar com uma igreja e uma sociedade unidas em prol do bem comum.

OS EDITORES

Antes de começar

.....

Algumas observações importantes:

Este livro não foi escrito para convencer o leitor a pensar como eu penso. Ele foi escrito para oferecer um novo olhar à discussão pública sobre as relações entre política, religião e sociedade. É o olhar de um jornalista com uma longa estrada na imprensa e uma longa história de vínculo, amor e gratidão com a igreja cristã. Meu desejo é que algumas (quem sabe todas) as reflexões propostas aqui possam abençoar o leitor e enriquecer esse debate, que é, e precisa ser, muito maior e mais amplo.

O personagem principal deste livro não é Jair Bolsonaro. É a igreja evangélica brasileira e seu papel nesse fenômeno chamado bolsonarismo — o que inclui não apenas o uso ostensivo do nome de Deus durante sua campanha eleitoral e seu primeiro ano e meio de governo, mas também a aura religiosa conferida à figura do presidente pelos próprios evangélicos. É claro que o governo de Jair Bolsonaro vai muito além do recorte proposto por este livro, assim como o papel da igreja evangélica brasileira vai além de sua atuação político-partidária. Este livro se ocupa apenas da interseção entre esses dois universos e seus efeitos práticos na sociedade brasileira.

Não sou pastor, nem teólogo. Isso significa que minha relação com as Escrituras Sagradas é mais pedestre e prática, não tão inclinada a exercícios exegéticos complexos. Procuro usar

a sabedoria bíblica como acredito que o cristão comum deve usar, para, entre outras coisas, “ler” seu papel como cidadão e formar opinião a respeito da política que se alimenta da religião e da religião que se alimenta da política.

Nessa condição de cristão comum, fiz o que recomendo a todos os cristãos comuns: procurei mestres que me ajudassem a permanecer nos trilhos consolidados por dois mil anos de interpretação da Bíblia. Gostaria de agradecer a dois deles que colaboraram na preparação, na pesquisa e na leitura dos originais: Israel Mazzacorati e Jonas Machado.

Com exceção das orientações teológicas, não usei nenhuma fonte primária durante a apuração. Tudo o que está no livro é de acesso público, e nos raros casos privados que conto tive o cuidado de preservar o anonimato dos personagens. Recomendo ao leitor que confira pessoalmente nas notas no fim do livro as fontes consultadas para entender melhor o contexto de cada dado ou declaração e formar sua própria opinião sobre os assuntos tratados.

O livro fará referência a teólogos de diferentes vertentes, e também a personalidades mais ligadas à direita e outras mais à esquerda do espectro político. Foi uma decisão intencional, para nos lembrarmos de discutir ideias, e não pessoas. Boas pessoas podem ter convicções erradas sobre alguns assuntos, e pessoas desorientadas podem ter raciocínios brilhantes sobre temas específicos. Desqualificar os oponentes ideológicos como se fossem “inimigos da pátria” ou de Deus é um truque de regimes autoritários. Este livro é uma pequena contribuição para tentar mudar essa mentalidade.

Embora mencione em vários momentos do texto “a igreja evangélica brasileira”, estou plenamente ciente de que não se trata de um movimento único, homogêneo. As comunidades

evangélicas são multifacetadas, não raro antagônicas, e organizam-se de formas tão diversas que acabam estabelecendo entre si diferenças tão grandes quanto em relação aos católicos romanos ou a outras religiões.

Entendo que alguns leitores tenham mais interesse em alguns capítulos que em outros. De fato, cada capítulo aborda, de um diferente ângulo, algum tema ligado a religião, política e bolsonarismo. A ideia era fugir do formato “histórico” e tentar respeitar a complexidade de cada assunto. Mas recomendo que o leitor vença a tentação de ler o livro desordenadamente e atravesse suas páginas como em uma narrativa completa, em que as informações, os personagens e as reflexões vão se somando e construindo um caleidoscópio do Brasil evangélico de nosso tempo e sua relação com o poder público.

Este livro foi pesquisado e rascunhado entre 2018 e 2020 e escrito entre janeiro e maio de 2020, especialmente durante o isolamento social provocado pela crise do coronavírus. Quando digitei as últimas palavras, Sergio Moro, até então o ministro mais popular da equipe de Bolsonaro, havia apresentado sua carta de demissão. As pesquisas mostravam que, apesar do aumento na taxa de reprovação, o grupo de brasileiros que considerava seu governo ótimo/bom continuava petrificado na faixa dos 25-30%. Fielmente, religiosamente. É um fenômeno muito particular que, em parte, explica a razão de ser deste livro.

Agradeço a André Daniel Reike e Gutierres Fernandes Siqueira pela ajuda nos capítulos “Religião” e “Domínio, poder e política”. A Edimilson Marques, que colocou seus conhecimentos em História e Economia nas leituras críticas de todos os manuscritos.

E, sempre, a Ana Paula, pelo incentivo, pelas orações, pelas críticas precisas, por alguns *insights* valiosíssimos que compartilhou comigo e, especialmente, pela parceria no caminho da vida.

RICARDO ALEXANDRE

Maio de 2020

1

Verdade e pós-verdade

.....

Então conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.

JOÃO 8.32

.....

A verdade é um valor universal. Isso significa que não houve nem provavelmente haverá na história alguém que declarasse abertamente preferir a mentira à verdade, a infidelidade à fidelidade, o falso ao legítimo. É uma daquelas coisas que o escritor anglicano C.S. Lewis incluiria na “Lei da Natureza Humana”.¹

Defender a verdade não chega a ser uma causa muito distintiva — justamente porque não se espera que apareça alguém para debater em favor do outro lado. Assim, defender a verdade, enquanto conceito, não quer dizer muita coisa. A questão é *conhecer* a verdade. Ou, como perguntou Pôncio Pilatos durante o interrogatório que condenou Jesus à cruz: “Que é a verdade?” (Jo 18.38)

Um versículo bíblico entrou no ambiente político durante a campanha presidencial de 2018: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. É um trecho de um debate entre Jesus e os religiosos de sua época, no pátio do templo de Jerusalém. O então candidato Jair Bolsonaro usou o versículo em praticamente todas as entrevistas que concedeu ao longo da campanha bem como depois de eleito, em geral quando compartilhava versões diferentes de fatos divulgados pela mídia tradicional.

Embora um versículo da Bíblia constituísse claramente um aceno aos muitos evangélicos e conservadores que formaram sua base eleitoral, o uso que Bolsonaro faz desse texto não é religioso. Nele, o político está se apresentando como porta-voz da *verdadeira* verdade, da única versão digna de credibilidade. Em setembro de 2019, por exemplo, na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, diante de uma plateia de líderes internacionais, o presidente atacou, genericamente, “um ou outro país que embarcou nas mentiras da mídia” e criticou a imprensa “comprada” pelos “presidentes socialistas” que o antecederam, os jornais que “mentirosamente” noticiavam queimadas na Amazônia, a “ideologia” que teria se instalado “no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas” no Brasil. E, depois de todos os ataques, nos segundos finais de seu discurso, arrematou com o já famoso versículo bíblico: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.²

É o mesmo uso que já havia feito durante fala em uma sessão plenária do Congresso brasileiro em maio de 2016. Na época, Bolsonaro sofria uma ameaça de cassação de seu mandato como deputado federal. Ele havia dedicado seu voto de *impeachment* contra a presidente Dilma Rousseff ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o primeiro militar brasileiro condenado como torturador. Dilma foi torturada nos primeiros anos da década de 1970 e conta ter sido ameaçada de morte pelo coronel. Em 2016, Bolsonaro votou em favor do *impeachment* da petista “pela memória do coronel Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”. A seccional do Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil considerou aquilo “apologia à tortura” e anunciou que encaminharia ao Supremo Tribunal Federal um pedido de cassação de seu mandato.³ Houve manifestações

tanto de repúdio quanto de apoio ao deputado, então ligado ao Partido Social Cristão (PSC). Alguns dias depois, em fala na Câmara, Bolsonaro citaria o versículo: “Obviamente que a verdade é Jesus, é Cristo. [...] Tenho usado muito esta tribuna, e a minha munição é a verdade, o que incomoda muita gente. Quero, neste momento, agradecer a manifestação de apoio que tive em várias cidades do Brasil, em especial no Rio de Janeiro, onde mais de trezentas pessoas compareceram em meu condomínio apoiando as nossas verdades. A verdade nos libertará”.⁴

De fato, nos Evangelhos, Jesus se define como “a verdade”. O contexto de João 8, porém, é diferente do que sugere Bolsonaro. Jesus está no pátio do templo, local de grande trânsito de judeus, falando “ao povo” e debatendo com os “fariseus e mestres da lei”. Os religiosos questionavam a autoridade do testemunho de Jesus, por fazer “declarações a respeito de si mesmo”, por se declarar o filho de Deus, “a luz do mundo”, alguém que veio “lá de cima” e que não pertencia “a este mundo”. Cada vez mais irritados, os fariseus chegam à pergunta que desde o início queriam fazer: “Quem é você?” (Jo 8.25).

Neste ponto, Jesus começa um raciocínio que aparece diversas vezes nos Evangelhos: aquele que é seu discípulo sabe quem ele é. Quem é sua ovelha o segue, porque o reconhece (Jo 10.4), e quem ama a verdade ouve sua voz (Jo 18.37). Em geral, quando se expressava desse modo, Jesus estava diante de alguma autoridade religiosa. Daí a afirmação que antecede o já famoso versículo: “Vocês são verdadeiramente meus discípulos se permanecerem fiéis a meus ensinamentos”, concluindo: “Então conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8.31).

A resposta dos fariseus veio em forma de outra pergunta: “Nunca fomos escravos de ninguém. O que quer dizer com

‘Vocês serão libertos?’”. Jesus esclarece que o pecado é que os escravizava. Afirma que, embora se dissessem filhos de Deus, aqueles homens queriam matá-lo porque não entendiam sua mensagem. “Por que vocês não entendem o que eu digo?”, pergunta Jesus, de forma retórica. A resposta ele próprio oferece na sequência: “É por que nem sequer conseguem me ouvir” (Jo 8.33-43).

Jesus aqui está confrontando, com palavras severas, os religiosos reconhecidos pela sociedade de seu tempo. A sequência do texto é ainda mais dura, a ponto de Jesus chamar abertamente aqueles homens de “filhos do diabo” (Jo 8.44).

Ao que parece, portanto, “conhecereis a verdade” não é uma promessa, mas um desafio. Jesus propõe àqueles homens que reflitam sobre si mesmos, que abandonem por um instante sua tradição corrosiva, sua empáfia religiosa, seu *status* de especialistas nas Escrituras Sagradas, sua aparência de santidade e sua ânsia por falar e, em vez de tudo isso, se dediquem ao precioso exercício de ouvir. Só quem permanece fiel aos ensinamentos de Jesus pode ser chamado de seu discípulo. Mas só pode ser discípulo quem tem ouvidos para ouvir o que o Mestre diz. Esse é o único caminho para a liberdade.

Em 2016, a equipe do Dicionário Oxford escolheu *pós-verdade* como a palavra do ano. Na definição do dicionário, *pós-verdade* é algo “relativo a ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”.⁵ É um fenômeno típico da era das redes sociais. Observemos alguns exemplos disso.

Na campanha presidencial de 2018, Bolsonaro levou à bancada do Jornal Nacional, da rede Globo, um livro chamado

Aparelho sexual e cia.: Um guia inusitado para crianças descoladas,⁶ que ele dizia ser material pedagógico de escolas públicas de governos petistas.⁷ À época, o *youtuber* Arthur do Val, do canal Mamãe Falei, disse que aquele havia sido o melhor momento da entrevista, porque, no seu entendimento, Bolsonaro havia mostrado no ar, para todo o Brasil, “o Kit Gay”.⁸ O filho do então candidato, o atualmente deputado federal Eduardo Bolsonaro, também repercutiu a entrevista, publicando em seu canal no YouTube um vídeo em que exhibe o livro contendo o carimbo de uma biblioteca pública da cidade paulista de Araraquara — o que, nas palavras dele, comprovaria que “o livro está presente em uma biblioteca”. Em seguida, Eduardo pergunta, segurando um outro livro, *Sexo não é bicho-papão*:⁹ “É isso aqui, pai e mãe, que você quer que seu filho aprenda numa sala de aula?”.¹⁰

Na era da pós-verdade, em que fatos importam menos que crenças ou emoções, tais manifestações são o que basta para “provar” a degeneração dos valores morais impostos por governos de esquerda e a doutrinação dentro de “uma sala de aula”. São o que basta para reforçar convicções, aprofundar crenças, fechar ouvidos para o contraditório. A Companhia das Letras, editora responsável por *Aparelho sexual e cia.*, emitiu nota dizendo que “o livro nunca foi distribuído a alunos da rede pública de Ensino. A única compra feita por um órgão público aconteceu em 2011: foram 28 exemplares que seriam disponibilizados em bibliotecas públicas”.¹¹ A Escola Municipal Major Bonifácio Silveira, de Maceió (AL), cujo carimbo aparecia no livro *Sexo não é bicho-papão*, mencionado no vídeo de Eduardo Bolsonaro, afirmou que a obra de fato estava no acervo da instituição, mas nunca havia sido utilizada pela equipe docente. “Consideramos o conteúdo inadequado para

nossos alunos e este material foi retirado do acervo da sala de leitura da escola". A explicação para o carimbo foi que "todo o material que é recebido é carimbado na capa ou contracapa".¹²

Num país em que 75% dos brasileiros afirmam jamais ter pisado em uma biblioteca,¹³ ouvir ambos os lados da questão e comparar argumentos seria uma excelente oportunidade para discutir o cuidado com as bibliotecas municipais, os critérios para os acervos, a formação dos bibliotecários, as melhores opções de livros didáticos sobre sexualidade e preservação do corpo, e assim por diante. Todavia, a pós-verdade já nos basta para que compartilhem nas redes sociais tudo aquilo em que *já* acreditamos.

Boatos, meias-verdades e opiniões disfarçadas de fatos foram usados à exaustão durante a campanha presidencial de 2018. O candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, ajudou a espalhar ao menos duas inverdades contra a chapa adversária de Jair Bolsonaro: que o futuro presidente havia votado contra o Estatuto da Pessoa com Deficiência, em 2015, e que o futuro vice-presidente, general Hamilton Mourão, havia sido um torturador a serviço da polícia repressiva durante o regime militar. Sobre o primeiro caso, o candidato do PT publicou em uma rede social, com tons de ironia, a seguinte afirmação: "Acredito que ele tenha votado contra por falta de conhecimento. Ele não foi educado para compreender toda a diversidade humana e sua complexidade".¹⁴ Diante da repercussão negativa e da comprovação de que, na realidade, Bolsonaro havia se absterido da votação, a postagem foi apagada.

No segundo episódio, Haddad ajudou a divulgar uma fala do cantor pernambucano Geraldo Azevedo durante uma